



EXPERIÊNCIA E DEMOCRACIA PARA JOHN Dewey

Experience and democracy according to John Dewey

Dayanne Cristina Moraes de Deus e Oliveira

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
dayanne@unicamp.br

Tatielle Esteves de Araújo Tristão

Universidade Federal de Catalão - UFCAT
araujestestatielle@gmail.com

Dulcéria Tartuci

Universidade Federal de Catalão - UFCAT
dutartuci@gmail.com

Resumo: Contrapondo a perspectiva da racionalidade técnica – segundo a qual a aprendizagem é baseada na transmissão de conteúdo –, John Dewey, filósofo e pedagogo, defensor da Escola Nova, oferece um conjunto de argumentos inerentes a suas preocupações em repensar a prática educativa, defendendo a experiência e a democracia como conceitos-chave no processo educativo. A perspectiva do autor entende a educação como um fenômeno social e considera que a conexão entre educação e experiência pessoal seja orgânica, uma vez que toda educação genuína se consuma através da experiência. Neste ensaio, portanto, pretende-se compreender a importância da experiência e da educação para a constituição de uma educação democrática. Para tanto, primeiramente apresentamos uma pequena biografia do autor, de maneira que seu pensamento e suas experiências formativas/acadêmicas possam ser situados historicamente. Em seguida, discutimos sobre o conceito de experiência e a importância da construção de uma educação democrática.

Palavras-chave: Experiência. Democracia. Educação.

Abstract: Opposing the perspective of technical rationality – according to which learning is based on content transmission –, John Dewey, philosopher and pedagogue, defender of the New School, offers a set of arguments inherent to his concerns in rethinking educational practice, defending experience and democracy as key concepts in the educational process. The author's perspective conveys that education is a social phenomenon and that there is an organic connection between education and personal experience, since all genuine education is materialized through experience. In this essay, therefore, we intend to understand the importance of experience and education for the constitution of a democratic education. To do so, we first present a short biography of the author, so that his thought and his formative/academic experiences can be situated historically. Then, we discuss the concept of experience and the importance of building a democratic education.

Keywords: Experience. Democracy. Education.

INTRODUÇÃO

John Dewey é um notório autor da Filosofia da Educação que faz críticas ao modelo tecnicista de ensino. Este autor tratou de observar os efeitos da Revolução Industrial e da sociedade de massa sobre a educação e o modelo escolar, trazendo o conceito de democracia para o centro do debate sobre educação. Assim, a sua obra, tão atual e necessária, ainda pode ser considerada como uma referência na área da educação (Mercau, 2022; Morita, 2022).

A experiência de Dewey em países como Rússia, China e México, Estados Unidos, fundamentou suas ideias sobre educação e democracia. Dessa forma, é uma inspiração para se compreender o atual contexto social e político brasileiro, em que as instâncias democráticas e as escolas públicas têm sofrido ataques constantes. Com suas reflexões é possível resgatar o debate do papel da educação no processo de construção de uma sociedade democrática.

Neste ensaio, portanto, pretende-se analisar a importância da experiência e da educação para a constituição de uma educação democrática. Para tanto, primeiramente apresentamos uma pequena biografia do autor, de maneira que seu pensamento e suas experiências formativas/acadêmicas possam ser situados historicamente. Em seguida, discutimos sobre o conceito de experiência e a importância da construção de uma educação democrática.

PENSAMENTO DE JHON DEWEY: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE SUAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Entre o século XIX e a primeira metade do século XX, Dewey vivenciou mudanças sociais muito profundas, que estão atreladas à intensificação da urbanização, ao processo de industrialização nascente e, portanto, de massificação da sociedade que se dá em função das relações de produção, consumo e de comunicação da sociedade. Desse modo, optamos por apresentar uma breve biografia do autor, de maneira que as raízes de seu pensamento acerca da experiência e da democracia possam ser situadas histórica e socialmente.

John Dewey nasceu em 1859, na cidade de Burlington, Estado de Vermont, nos Estados Unidos. Em 1875, o autor ingressou, com 15 anos, na Universidade de Vermont, na sua cidade natal. Em 1879, concluiu seus estudos, obtendo o grau de Bacharel em Artes (Sbrana, 2018).

Na Universidade de Vermont, Dewey teve contato com as teses de Charles Darwin sobre a evolução das espécies. As ideias darwinistas o levaram a elaborar teorias sobre a “mutabilidade constante de todas as coisas que habitam o mundo”, entendendo a teoria da evolução para além das ciências naturais. (Cunha *apud* Sbrana, 2018, p. 225).

Em 1882, Dewey foi para a Universidade Johns Hopkins, de Baltimore, onde concluiu o doutorado com uma tese sobre a psicologia kantiana. Em Baltimore, o autor se aproximou também do pensamento de Hegel, por influência do professor George S. Morris. Foi a convite de Morris que Dewey iniciou sua carreira profissional, em 1884, na Universidade de Michigan, desempenhando atividades como professor de Filosofia. Com a morte de Morris em 1889, Dewey assume a direção do Departamento de Psicologia nesta Universidade (Cunha *apud* Sbrana, 2018).

Em 1894, o filósofo foi para a Universidade de Chicago, onde permaneceu por dez anos. Segundo Amaral (*apud* Sbrana 2018, p. 225), “foi nesse período que se formaram suas principais ideias sobre educação, bem como grande parte de sua filosofia”. No campo filosófico, seu pensamento indicava, neste momento, “[...] um olhar crítico sobre a sociedade e uma crença arraigada na democracia como modo de vida, constituída pelas influências vivenciadas na infância e na juventude e pelo seu contato com os pragmatistas [...] na Universidade de Chicago”.

Foi na Universidade de Chicago que Dewey buscou aplicação de seus ideais filosóficos e psicológicos na educação escolar, incentivando novos métodos e técnicas de ensino. Os métodos elaborados contrastavam com as práticas da educação tradicional, que se pautavam em ordem, disciplina e passividade dos estudantes. Estas experiências foram materializadas em uma instituição de ensino que posteriormente ficou conhecida como Escola Laboratório (Sbrana, 2018).

Dewey saiu da Universidade de Chicago em 1904, descontente com a gestão da Escola Laboratório. Segundo Cunha (*apud* Sbrana 2018), muitas obras foram escritas por Dewey por influência desse período, dentre elas “Democracia e educação”, de 1916. Em 1905, o autor ingressou na Universidade de Columbia e faz parte do “Teachers College”, que, segundo Sbrana (2018), era uma escola que tinha como objetivo as questões educacionais. No período em que ingressou nesta instituição, Dewey publicou um conjunto de obras de diferentes temas. Conforme Cunha (*apud* Sbrana 2018, p. 226), elas podem ser divididas em três categorias, sendo que, para cada uma, é possível indicar as publicações mais importantes:

A primeira categoria reúne os livros – Como pensamos (publicado em 1910 e revisto em 1933), Democracia e educação (1916) e Experiência e educação (1938), nos quais o filósofo discute a educação “propondo soluções inovadoras para a prática pedagógica” a partir do conceito de experiência, que é fundamental em sua teoria do conhecimento. A segunda categoria abrange as obras em que o filósofo buscou “aprofundar e alargar sua visão filosófica, examinando minuciosamente a história da filosofia”, algumas delas são Reconstrução em filosofia (1920), Natureza humana e conduta (1922), Experiência e natureza (1925) e Arte como experiência (1934). A última categoria é composta por obras em que Dewey discute a noção de democracia, termo essencial de sua proposta pedagógica; dentre elas destacamos “Individualismo, novo e velho” (1930), bem como os ensaios “Liberalismo e ação social” (1935) e “Liberdade e cultura” (1939). (Aspas da autora).

No Brasil, as teorias Deweyanas chegam com Anísio Teixeira, em meados dos anos 1927, pois Teixeira foi para Columbia estudar e retornou trazendo contribuições significativas das pesquisas de Dewey. O trabalho de tradução e publicação de algumas obras de John Dewey por Anísio Teixeira é uma evidência da influência deste pensador no campo pedagógico, quem buscou, a partir da experiência, a inovação e superação das práticas de uma educação tradicional, infrutífera e obsoleta.

A EXPERIÊNCIA E A DEMOCRACIA EM DEWEY

John Dewey, na sua obra Experiência e Educação (1979b), oferece um conjunto de argumentos inerentes a suas preocupações em repensar a prática educativa, em oposição ao que ele chama de educação tradicional. Ele situa esse pensamento crítico dentro de um movimento crescente chamado de educação nova e/ou escola progressiva, “resultado do descontentamento com a educação tradicional” (Dewey, 1979b, p. 5).

Nesta obra, a “experiência” aparece enquanto um conceito-chave do seu pensamento filosófico/pedagógico. Para o autor, “a ideia fundamental da filosofia de educação mais nova e que lhe dá unidade é a de haver relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação” (Dewey, 1979b, p. 8).

Dewey considera que as palavras “vida” e “experiência” possuem a mesma riqueza de sentidos e trazem consigo a ideia de continuidade. Para ele:

A educação em seu sentido mais lato, é o instrumento dessa continuidade social da vida. Todos os elementos constitutivos de um grupo social, tanto em uma cidade moderna como em uma tribo selvagem, nascem imaturos, inexperientes, sem saber falar, sem crenças, ideias ou ideais sociais. Passam com o tempo os indivíduos, passam, com eles, os depositários da experiência da vida de seu grupo, mas a vida do grupo continua (Dewey, 1979a, p. 2).

Desse modo, o autor considera que cada indivíduo tem uma experiência e que, dentro da sala de aula, é necessário que o professor respeite e interaja com as experiências de cada estudante. Esta proposta percebe o estudante como agente ativo do processo de aprendizagem, portanto está em oposição ao método tradicional, que é fortemente criticado pelo autor. Segundo Dewey:

O esquema tradicional é, em essência, esquema de imposição de cima para baixo e de fora para dentro. Impõe padrões, matérias de estudo e métodos de adultos sobre os que estão ainda crescendo lentamente para a maturidade. A distância entre o que se impõe e os que sofrem a imposição é tão grande, que as matérias exigidas, os métodos de aprender e de comportamento são algo de estranho para a capacidade do jovem em sua idade. Estão além do alcance da **experiência** que então possui. Por conseguinte, há que impô-los. e isto é o que se dá, mesmo quando bons professores façam uso de artifícios para mascarar a imposição e deste modo diminuir-lhe os aspectos obviamente brutais (1979b, p. 5-6, negrito nosso).

A prática da educação tradicional é rejeitada pelo autor no sentido de que ela pode significar para os estudantes uma experiência extremamente negativa da escola e da aprendizagem. Ressalta ainda que a crítica em relação à imposição e às práticas descontextualizadas recorrentes na educação tradicional não significa necessariamente um abandono à autoridade do professor, que é o responsável pela condução, organização do processo de conhecimento. Todavia, na perspectiva da educação nova, a experiência desse profissional é ressignificada na relação com os alunos.

[...] baseando-se a educação na experiência pessoal, pode isto significar contactos mais numerosos e mais íntimos entre o imaturo e a pessoa amadurecida do que jamais houve na escola tradicional e, assim, consequentemente, mais e não menos direção e orientação por outrem (Dewey, 1979b, p. 9).

Os pontos de crítica apresentados pelo autor o levam a desenvolver um pensamento sobre a experiência, tendo em vista que não é simplesmente o abandono das práticas tradicionais que irá resolver os problemas de uma nova educação. Nesse prisma, problematizar o papel da experiência no processo formativo pessoal é fundamental. Dewey ressalta que

Experiência e educação não são termos que se equivalem. Algumas experiências são deseducativas. É deseducativa toda experiência que produza o efeito de parar ou destorcer o crescimento para novas experiências posteriores. Uma experiência pode ser tal que produza dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de futuras experiências mais ricas. [...] A experiência pode ser imediatamente agradável e, entretanto, concorrer para atitudes descuidadas e preguiçosas, deste modo atuando sobre a qualidade das futuras experiências [...]. Por outro lado, as experiências podem ser tão desconexas e desligadas umas das outras que, embora agradáveis e mesmo excitantes em si mesmas,

não se articulam cumulativamente. A energia se dispersa e a pessoa se faz um dissipado (1979b, p.14)

A partir dessa reflexão, o autor problematiza o papel da experiência no processo educativo, argumentando inclusive que a experiência é algo que está presente também na educação tradicional. Dewey diz ainda que o que se percebe é o predomínio de experiências, tanto de mestre como de alunos, de tipo errado, o que pode levar a situações indesejadas no processo de formação pessoal. Assim, o autor questiona:

Quantos estudantes, por exemplo, se tornam insensíveis às ideias e quantos perdem o ímpeto por aprender, devido ao modo por que experimentam o ato de aprender? Quantos adquirem habilidades por meio de exercícios de automatismo e assim limitam a capacidade de julgar e agir inteligentemente em situações novas? [...] Quantos acharam o que aprenderam tão alheio às situações de vida fora da escola, que nenhuma capacidade de controle puderam desenvolver para o comando da vida? Quantos para sempre perderam o gosto pelos livros, associando-os a supremo enfado e ficando ‘condicionados’ para apenas lerem sumária e ocasionalmente? (Dewey, 1979b, p. 15).

Nesse sentido, para Dewey (1979b), professores e alunos têm experiências, as quais poderão ser socializadas, uns com os outros, numa interação. Dessa forma, ao abordar os conteúdos necessários em cada disciplina escolar, o professor poderá fazer sua aula de forma dialógica, de modo que os alunos exponham suas experiências, interajam com os demais colegas, abordando de forma leve os conteúdos, dentro de uma dinâmica que respeite a faixa etária do aluno, suas origens, sua classe social, etc. Com base nisso, resulta-se o pressuposto de que cada um forma o seu pensamento a partir de suas experiências e vivências.

Na perspectiva do autor, é perceptível a preocupação com a construção de um modelo escolar em que os indivíduos precisam ser cuidados tendo em vista as suas singularidades, sem perder de vista que eles pertencem a um determinado grupo social. O aprendizado, por sua vez, deve ser guiado em função dos fins sociais, bem como do seu uso e do papel que exerce naquele grupo escolar mais restrito, para que, posteriormente, esse papel seja reconhecido em um grupo maior dentro da sociedade democrática.

Conforme a visão de Dewey (1979a, p.93), a democracia pode ser considerada mais do que uma forma de governo: ela é compreendida como “uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutualmente comunicada”. Assim, a democracia repudia o princípio “da autoridade externa” e dá-lhe como substituto “a aceitação e o interesse voluntário” que somente a educação pode criar.

A educação democrática, sob esse prisma, pressupõe troca e escuta, ao contrário da perspectiva tecnicista de transmissão de conhecimentos. Isso ocorre porque “a imposição de

cima para baixo, opõe-se a expressão e cultivo da individualidade; à disciplina externa, opõe-se a atividade livre; a aprender por livros e professores, aprender por experiência” (Dewey, 1979b).

Nesse viés, Dewey (1979a) alerta que a preocupação exclusivamente individual pode levar a sociedade a não cuidar dos seus interesses comuns, de modo que é necessário conciliar os interesses dos indivíduos e os da sociedade. A mesma forma de pensar essas categorias, segundo a qual o autor entende que posições extremas não contribuem para entender os problemas que a sociedade efetivamente enfrenta, é estabelecida para as categorias pública e privada, razão e sentimento. Essa é uma característica da abordagem de Dewey, à medida que há uma forma de pensar esses pontos de diálogo fugindo de uma dicotomia que, na tradição ocidental, se manifesta em um modelo operatório com categorias excludentes.

Assim, educação democrática é vista como uma oportunidade igual de compartilhar e receber valores, ações e ideias entre membros de todos os grupos sociais. Nesse sentido:

A democracia é a melhor de todas as nossas instituições sociais. Assimilamos assim a ideia de nosso próprio meio e a fizemos, pelo hábito, parte da nossa estrutura mental e moral. [...] O arranjo social democrático promove melhor qualidade de experiência humana, - experiências mais largamente acessíveis e mais capazes de satisfazer amplos anseios humanos do que as formas não democráticas de vida social (Dewey, 1979b, p.25).

A obra de Dewey (1979a) propõe que a educação democrática esteja em si já estabelecida dentro de um contexto democrático, repleta de grupos sociais com interesses diversificados. Os princípios, filosofias e valores próprios de cada um desses grupos são por eles mesmos transmitidos, mas a educação pode ser um meio pelo qual os grupos possam socializar seus conhecimentos e experiências.

Dewey argumenta ainda que a educação não pode existir isoladamente, isto é, à parte da infraestrutura existente da sociedade. Ao invés disso, para ter eficácia na construção de ideais democráticos, a educação deve considerar os traços indesejáveis já existentes na sociedade. Por essa definição, pode-se entender melhor o que se entende por democracia e educação e como os valores e sistemas dentro de uma sociedade são uma parte importante de como constituímos a educação democrática (Dewey, 1979a; Morita, 2022). Do contrário, a estrutura educacional formará alguns indivíduos para mestres, enquanto outros não terão as mesmas oportunidades, portanto é

Indubitável que uma sociedade para qual seria fatal a estratificação em classes separadas, deve procurar fazer que as oportunidades intelectuais sejam acessíveis a todos os indivíduos, com iguais facilidades para os mesmos (Dewey, 1979a, p.94).

À medida que uma democracia baseada na acumulação capitalista – portanto desigual – pretende trazer usufruto de classes e grupos sociais mais favorecidos da sua população, as instituições sociais, dentre elas a educação e o governo, replicam esses mesmos posicionamentos sociais e reforçam as estruturas de desigualdade preexistentes. Entretanto, em sociedades onde há um interesse efetivo que se traduz em políticas do estado para reduzir essas estruturas de desigualdade entre os indivíduos, a educação pode ser um elemento transformador.

Nesse contexto, a ausência de uma distribuição equitativa traz uma tendência intelectual desequilibrada. Desse modo, não restam dúvidas de que na educação também são reproduzidas as desigualdades que são observadas nas sociedades e entre os grupos sociais:

Diante de outros modos de vida, a democracia é a única inspirada e sustentada pela firme crença no processo da experiência como um fim e como um meio, na experiência que uma ciência pode gerar, a única autoridade confiável para dirigir a experiência subsequente, e que libera emoções, necessidades e desejos, para trazer à existência coisas que não existiam no passado. Porque todo modo de vida sem democracia limita contatos, trocas, comunicações e interações que estabilizam, expandem e enriquecem a experiência. Essa libertação e esse enriquecimento são uma tarefa que deve ser realizada diariamente. Como essa tarefa não pode terminar até que a própria experiência termine, a tarefa da democracia é e sempre será a criação de uma experiência mais livre e humana, da qual todos participamos e com a qual todos contribuímos (Dewey *apud* Mercau, 2022, p. 4).

Com base no pensamento do autor, infere-se portanto que, na sociedade democrática, tanto o indivíduo quanto o Estado têm uma relação coincidente que, então, impacta o papel da educação. Dessa maneira, os professores devem entender completamente como recriar uma educação democrática, que seja considerada justa em todos os segmentos da sociedade (gênero, raça, classes sociais, etc.). Segundo Dewey:

Não basta fazer-se que a educação não seja usada ativamente como instrumento para facilitar a exploração de uma classe por outra. Devem assegurar-se as facilidades escolares com tal amplitude e eficácia que, de fato, e não em nome somente, se diminuam os efeitos das desigualdades econômicas e se outorgue a todos os cidadãos a igualdade de preparo em suas carreiras (1979a, p.105)

De modo metafórico, Dewey (1979a) busca exemplificar o argumento de que haverá necessariamente um grau de agência humana na constituição de uma educação democrática. Por meio da noção de apetite, o autor elabora então uma alusão à forma como a ânsia se manifesta de modo variável entre os indivíduos: esse apetite afeta a maneira como eles se envolvem, interagem e dominam sua educação e, desse modo, em uma estrutura mais abrangente denominada de sociedade baseada em um governo. Em contraposição a alguns indivíduos que são atribuídos à classe trabalhadora e comercial, que expressa e supre as

necessidades humanas, os apetites são naturalmente dominantes; em outros, por sua vez, além dos apetites há uma disposição generosa, expansiva e assertivamente corajosa que se revela após a educação.

Dessa forma, a escola pode ser reprodutora de desigualdades ou pode promover uma educação emancipatória, através de uma prática democrática. Nesse sentido, faz-se necessário um modelo de educação verdadeiramente progressista que leve em consideração a capacidade de pensar e as experiências dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio teve por finalidade analisar a importância da experiência e da democracia, de acordo com Dewey, assim como as contribuições desses conceitos para a construção de uma educação escolar democrática. Para o autor, a experiência é compreendida como uma ação ativo-passiva, isto é, a experiência é tentativa e, para ser considerada como tal, deve promover uma mudança no indivíduo.

Conforme a perspectiva do autor, a educação democrática pode ser reconhecida como um grande equalizador de desigualdades, embora as desigualdades presentes na sociedade possam frustrar esses esforços. Desse modo, as experiências democráticas são de extrema relevância para as práticas educativas, sejam elas escolares ou não, formais ou informais, de modo que contribuem para a vivência desse conceito e para estabelecer requisitos necessários à convivência em uma sociedade democrática.

REFERÊNCIAS

Dewey, John. **Democracia e Educação**: Introdução à Filosofia da Educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979a.

_____. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979b.

FREIRE, Paulo.; MACEDO, Donaldo Pereira. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Mercau, Horácio. Héctor. Democracia criativa e retórica das emoções em John Dewey. **Educ Soc**, v. 43, e252813, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/sCNMCNfkgHVMcp8pqGw5h9Zj/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 10/07/2022.

Morita, Kazunao. Radicalizando o papel do professor emancipatório na crise da democracia: a abordagem psicanalítica de Erich Fromm à educação democrática deweyana. **Stud Philos Educ**, v. 41, p. 467-483, 2022.

Sbrana, Roberta Aline. **A filosofia educacional de John Dewey e Jean-Jacques Rousseau: um estudo comparativo por meio da Análise Retórica**. 2018. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara - SP. 2018.

SOBRE AS AUTORAS

DAYANNE CRISTINA MORAES DE DEUS E OLIVEIRA

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Catalão – UFCAT. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Desde 2014 atua como professora na da Divisão de Educação Infantil e Complementar - DEdIC da Universidade Estadual de Campinas– UNICAMP. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, escrita, formação docente, narrativas e inclusão escolar. É membra do Núcleo de Pesquisa em Práticas Educativas e Inclusão (Neppein/CNPq).

TATIELLE ESTEVES DE ARAÚJO TRISTÃO

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Catalão – UFCAT. Especialista em Língua Brasileira de Sinais - Libras pela Faculdade Futura. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba. Licenciada em Letras/Libras pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Bacharel em Direito pelo Centro de Ensino Superior de Catalão – CESUC. É membra do Núcleo de Pesquisa em Práticas Educativas e Inclusão (Neppein/CNPq).

DULCÉRIA TATURCI

Pós-Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). É Professora Titular na Universidade Federal de Catalão - UFCAT e atua como docente na Faculdade de Educação e na Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Formação de Professores e Inclusão do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC). É líder do Núcleo de Pesquisa em Práticas Educativas e Inclusão (Neppein/CNPq). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial, Processos Inclusivos e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: educação especial, inclusão, deficiência, formação e profissionalização docente, educação infantil e estágio.